

**O GAÉLICO E A “ALMA PORTUGUESA”,
A PARTIR DE DALILA L. PEREIRA DA COSTA**

João Pedro Silva

A presente comunicação procura relevar a importância do celticismo no pensamento situado português como reflectido por Dalila L. Pereira da Costa, tendo, sobretudo, como base a leitura da obra *Corografia Sagrada* (1993)¹. A mesma não pretende ser uma exposição exaustiva, mas um contributo para ulteriores estudos.

Para introduzir o tema desta comunicação, uma questão mostra-se como relevante: Em que medida é lícito pensar uma ascendência gaélica, céltica², na cultura portuguesa? Esta é uma pergunta que está longe de ser despropositada. Entre os ascendentes geralmente evocados na genealogia do português, o povo gaélico, céltico, encontra-se pouco considerado. Hoje, revalorizamos o legado da presença céltica na cultura portuguesa – a partir, precisamente, de dados históricos, arqueológicos e genéticos, em particular os trabalhos de Barry Cunliffe e John Koch³. Seria, então, de esperar que a presença céltica em Portugal, não alheia a investigadores estrangeiros, não fosse, também, ignorada pelos intelectuais portugueses. E, de facto, não o foi; em particular, por Dalila L. Pereira da Costa. Dalila, nascida em 1918 e falecida em 2012, foi uma escritora portuguesa com trabalho poético e ensaístico. Formada em Ciências Histórico-Filosóficas pela Universidade de Coimbra, notabiliza-se por pensar a cultura e a identidade de Portugal, tendo contacto com alguns vultos relevantes do pensamento português,

¹ Esta não é, efectivamente, a única obra da autora aonde a questão de uma ascendência céltica na formação dos caracteres culturais portugueses é tratada. Escolhemo-la por entendermos ser esta a obra mais recente em que esta mesma questão encontra um tratamento transversal aos textos nela coligidos. Não tivemos oportunidade, à data, de analisar algumas das obras mais recentes como *Portugal Renascido* (2001), publicada pela Fundação Lusíada. Por esse facto, pedimos desculpa.

² O uso permutável de um e outro etnónimo ainda que admissível comporta etimologias diferentes: *celta* deriva dos termos *celtae* (latim) e de *κελτοι* (grego), enquanto que gaélico deriva de diferentes termos próprios às línguas gaélicas faladas pelos celtas, sendo a mais antiga o gaélico irlandês antigo na qual encontramos o etnónimo *goídelc*. Dalila Pereira da Costa utilizou nos seus escritos o etnónimo de origem greco-latina.

³ Em particular a obra editada por estes autores com o título *Celtic from the West*, publicada em três volumes pela Oxbow Books. O trabalho de ambos contesta a origem dos celtas de acordo com a hipótese de Hallstatt, propondo a emergência atlântica da cultura céltica.

em particular os do grupo da “Filosofia Portuguesa” como José Marinho, Afonso Botelho e António Telmo. Junto com estes autores reflectiu sobre o pensamento situado português. Conceber um tal pensamento passa por um questionar ontológico acerca dos portugueses. Efectivamente, Dalila pensa a cultura e a identidade dos portugueses tendo o povo gaélico, ou céltico, como elemento etnográfico configurador. Uma questão a respeito colocamos: como contribui, para Dalila, o elemento etnográfico céltico para um pensamento situado português? Para respondermos a esta questão iremos dividir esta apresentação em duas partes: 1) a ideia de “alma portuguesa”⁴, de uma identidade colectiva, e seu propósito exemplificado pelas descobertas marítimas; e 2) pela relação entre a ascendência celta na alma portuguesa com referência às descobertas marítimas.

No livro autobiográfico publicado em 1999 com o título *Os Instantes nas estações da vida*, a autora esclarece que a sua obra ensaística tem como intuito conhecer a pátria, nas suas palavras, “a sua alma e percurso histórico”⁵, em vista a desvelar uma finalidade, uma escatologia colectiva, que entende estar ao serviço da humanidade (*Ibidem*). Escatologia esta que compreende, então, uma “reflexão da memória da terra sobre a memória duma alma individual” (*Ibidem*, p. 56). Neste sentido, Dalila esclarece que parte, na redação dos seus ensaios, de uma concepção neo-platonista do mundo (*Ibidem*, p. 30 e 51) em que cada vida individual tem um propósito vinculado à realidade divina, pelo que se segue que o conjunto das vidas individuais, enquanto colectivo da nação, compreendem o mesmo fim. A compreensão desse propósito passa pela demarcação de um sentido de identidade que distingue, nas suas palavras, um “vero eu”, marcado pela plenitude divina, de um “falso eu”, circunscrito às experiências biográficas e materiais (*Ibidem*, pp. 23-25, e 46-47). A realização humana, o advento, diz, do “homem integral”, ocorre com o superar as ilusões terrenas, elas em si falsas, em direcção a algo de mais fundamental e verdadeiro que é de origem divina. O conhecimento da “alma portuguesa”, do seu pensamento, comporta, por isso, uma escatologia; e o cumprir dos portugueses passa por uma acção ecuménica no sentido do aprimoramento da humanidade no que chama de “sentido antropocósmico” (*Ibidem*, p. 75). Na obra *Corografia Sagrada*, publicada em

⁴ Expressão empregue no texto introdutório da obra *Corografia Sagrada*, na qual centramos a nossa leitura. Cf., Dalila Pereira da Costa, *Corografia Sagrada* (Porto: Lello & Irmão – Editores, 1993), p. 10.

⁵ Dalila Pereira da Costa, *Os Instantes nas estações da vida* (n.p.: Universidade Católica Portuguesa, 1999), p. 63.

1993, a escatologia, o fim último do ser, inerente ao pensamento português compreende o cumprir ontológico com referência ao plano transcendente; o assumir do “vero eu”. Dalila afirma:

Procura da verdade, que para os portugueses sempre se identificará à realização do seu ser, individual, nacional e universal, como ideal de libertação ou reintegração⁶.

Portanto, para Dalila a finalidade do povo português comporta uma dimensão, transcendente. Essa dimensão transcendente se relacionará, então, com a ideia de reintegração; i.e., da libertação das ilusões materiais e o retorno à origem no plano divino, à verdade. O sentido de retorno manifesta-se no pensamento português como saudade luso-galaica – sentimento de uma nostalgia da origem e de reunião nela⁷. A saudade impele a dois movimentos, ou a duas vias de realização para Dalila⁸: uma horizontal que se dá tanto pelas Descobertas marítimas como pela emigração; e uma via vertical, manifestada pela religião, pela mística, presente no pensamento milenarista e paracletiano. Por limites de exposição nos cingimos ao eixo horizontal; i.e., às descobertas, pelas quais os portugueses, sob o sentimento da saudade, deram ao mundo um contributo para a realização da humanidade. Dalila afirma ser este contributo:

[...] união de todos os homens numa única e mesma fé; a união da transcendência e imanência, do corpo e alma, matéria e espírito, na filosofia, teologia e escatologia portuguesa; e a união do passado e futuro, ou lembrança e desejo na saudade; a união da terra e do céu, na ciência e mística portuguesa do Renascimento – serão formas várias desse mesmo processo ou prática de reintegração pela união dos opostos⁹.

⁶ Dalila Pereira da Costa, *Corografia Sagrada*, op. cit., pp. 309-310.

⁷ Dalila Pereira da Costa, *Os Instantes nas estações da vida*, op. cit., pp. 52-53.

⁸ Socorremo-nos, neste ponto, da obra *Da Serpente à Imaculada*, da mesma autora, cuja proposta axial da saudade nos afigura importante para compreender o pensamento de Dalila. Cf., Dalila Pereira da Costa, *Da Serpente à Imaculada* (Porto: Lello & Irmão – Editores, 1984), pp. 309-332 e 347-352. Será relevante assinalar que nesta obra Dalila faz remontar a Saudade ao povo pré-celta, autóctone, o que contrasta com a acepção, presente em *Corografia Sagrada*, de se basear as Descobertas portuguesas, o eixo horizontal da saudade, no carácter de imaginação dos celtas. Não efectuamos um estudo sistemático desta questão para poder prestar algum esclarecimento a este respeito. Compreendem os textos de *Corografia Sagrada* uma evolução no pensamento anteriormente expresso acerca da saudade?

⁹ Dalila Pereira da Costa, *Corografia Sagrada*, op. cit., p. 308.

Acerca do fim do povo português nos escritos de Dalila, podemos, então, concluir, de modo esquemático, o seguinte: Cada vida tem um propósito, e esse propósito passa pela realização do homem integral; A realização do homem integral passa pela sua reintegração na origem divina, que no português, enquanto coletivo, manifesta-se pela saudade luso-galaica, lembrança da origem divina e promessa do seu reencontro; O fim último dos portugueses, enquanto povo, é servir a humanidade cumprindo a libertação ecuménica dos seus condicionamentos em vista a esse reencontro por meio das descobertas marítimas.

Todavia, compreender esta finalidade simultaneamente ontológica e teológica implica, para Dalila, atender aos valores existenciais de base cultural e civilizacional que podem ser tidos como actantes e conducentes dessa realização humana.

Socorrendo-se de trabalhos historiográficos, nomeadamente os de Torquato de Sousa Tavares, assim como de trabalhos arqueológicos como os de Martins Sarmiento e Leite de Vasconcelos, entre outros eruditos, Dalila preconiza que dos povos que chegaram ao Noroeste peninsular, foram, os celtas, ou os povos celtizados, em particular os galaicos, aqueles que teriam marcado mais fundamente o território que compreende Portugal, em particular o norte¹⁰. Nestes se devem, para a autora, procurar os tais valores actantes e conducentes dos portugueses. Segundo Dalila, os celtas são um grupo étnico oriundo de Hallstatt (Áustria), portador de qualidades e de defeitos que seriam herdados pelos portugueses. Conhecer essas qualidades e esses defeitos permitiriam aos portugueses orientar o seu futuro numa acção edificante. A propósito diz, também, em *Corografia Sagrada*:

Mas em relação específica a Portugal, afigura-se-nos que só o conhecimento e vivência desta matriz de nossa identidade pode levar à nossa plenitude nacional. Recuperando potências adormecidas redentoras, abandonando as negativas, com todo o espírito de autodepreciação, como destruição própria. Vencendo o fluxo cíclico, céltico e português, de sucessivos estados de acção e depressão, desgastante e infecundo e optando por um caminho de progressão contínua, como projecto de auto-realização perfeita (*Ibidem*, p. 202).

Assim, em vista a conseguir essa edificação pelo auto-conhecimento, Dalila, encontra como defeitos ou vícios dos celtas a vaidade, a vanglória, a falta de constância, a imoderação, e, em particular, a tendência à anarquia, à

¹⁰ Não obstante a perda de património céltico que entende ter havido. Cf., *ibidem*, pp. 192 e 207-223.

desunião, a qual levaria os celtas não à vitória, mas à derrota (*Ibidem*, pp. 194-195).

Tendo como base ou causa, essa já citada individualidade exclusivista ou radical, rejeitando todo o cercear na sua autonomia: anarquia sempre corroendo ou ameaçando o mundo dos celtas e que os levaria à derrota perante o primeiro povo inimigo possuindo justamente as qualidades opostas (*Ibidem*, p. 109).

Povo inimigo, entenda-se, naturalmente, os Romanos. Já a respeito das virtudes dos celtas são identificados por Dalila o sentido da liberdade, independência, coragem perante a morte, o sentido do Outro Mundo e a imaginação como possibilidade de conceber mundos opostos e de apresentar o transcendente e o universo como um todo dinâmico (*Ibidem*, pp. 196-199). A respeito da imaginação cito a seguinte passagem:

Nesta força da imaginação criadora, o real sensível sofre assim essa libertação que é transmutação, ou melhor, rebenta seus limites a nós aparentes, abrindo-se para o real absoluto. Dando-se ao mesmo tempo uma perfeita reintegração do homem na natureza e no cosmos: este sempre visto como grande ser vivente que a todos e a tudo em si envolve e contém. Cosmicização do homem, se poderá chamar a este processo de pensamento e vivência dos celtas: e de seus herdeiros, os portugueses; e que nestes teria sua expressão máxima na obra da Descoberta (*Ibidem*, p. 199).

Com esta passagem, Dalila liga a imaginação nos celtas à busca do Paraíso Terreal, a reintegração do homem no cosmos, que nos portugueses se manifesta como a procura das Ilhas Afortunadas e na acção das Descobertas e Expansão marítimas (*Ibidem*, pp. 259 e 307-308). Entender, assim, as Descobertas portuguesas, e os seus desafios, passa, em Dalila, por entender as aventuras incursionistas dos celtas na Europa.

Citando Tito Lívio, Justino e Pausânias, Dalila introduz-nos as duas aventuras frustradas dos gauleses sob a chefia de dois líderes de nome Brennus, motivadas por uma procura do Paraíso terreal (*Ibidem*, pp. 260-261). A primeira data de 387 a. C. e marca a tomada de Roma. Conquista que não logrou porque os gauleses foram massacrados pelos romanos após a debilidade das suas hostes por um surto epidémico e por um estado de ataraxia que se seguiu à vitória. A segunda aventura data de 279 a. C. com a tomada e saque de Delfos, o Umbigo do Mundo para os gregos, que termina numa perda para os gauleses após cataclismos naturais e pelo suicídio do seu líder.

Em ambos os casos, a aventura céltica é, para Dalila, uma aventura que ou é levada a cabo na irrealidade como na literatura da “matéria da Bretanha” ou é marcada pela destruição; isto porque os celtas nunca teriam conseguido dar uma dimensão universal ao seu próprio dinamismo (*Ibidem*, p. 262). Todavia, os portugueses como seus descendentes foram sucedidos neste aspecto. Citemos Dalila a este respeito:

Se é o viver pela imaginação, a procura do «outro lado» a importância dada ao futuro em detrimento do presente (ou este visto só e valorizado em função do futuro), um certo sentido anti-histórico e a força do dinamismo, algumas das marcas da alma celta, como a do povo mais vagabundo que outrora ocupou toda a Europa ocidental – só pelos portugueses, entre seus descendentes, estas marcas teriam tido uma realidade levada, ou ultrapassada, até à plena manifestação da história, e esta ainda à medida universal: como Descoberta e Expansão na Idade Moderna (*Ibidem*, p. 259).

E acrescenta:

Mas uma marca distinguirá a nossa aventura, entre todas as demais celtas de outrora: foram os portugueses os primeiros, como descendentes desse povo, que no Ocidente projectaram e com êxito realizaram – através de toda a dor e imperfeição humana uma aventura da imaginação ou sonho, na realidade deste mundo, e nele ainda, em âmbito universal: desde então a epopeia mítica dos celtas adquirindo forma histórica. Tal como surge, unidamente, n’*Os Lusíadas* (*Ibidem*, pp. 261-262).

Portanto, as Descobertas portuguesas são, segundo Dalila, um movimento anímico de raízes celtas, gaélicas. Movimento que incorre nos mesmos riscos, nas mesmas dificuldades, tal como presentes nas aventuras dos seus antepassados ilustradas nos exemplos da tomada de Roma e de Delfos.

Mas, tal como outrora no passado dos celtas, o preço dessa aventura seria a morte do herói. Aqui, não será Brenus que se suicida, mas todo o povo de marinheiros descobridores, como um só herói colectivo (*Ibidem*, pp. 264-265).

Essa perda do herói colectivo não é, ainda assim, isenta de sentido. Tomando como exemplo a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto e da *História Trágico-Marítima*, a autora diz:

Por esta dádiva total, incessantemente renovada, ou confirmada, em desastres no mar, uns após outros, o sacrificante, ou asceta português, obterá pela

remissão dos seus pecados, uma identificação de duas vontades, a reconciliação final, a salvação (*Ibidem*, p. 228).

Portanto, as provações, as perdas, em alto mar são uma ascese como meio de obter a verdadeira vida, o Paraíso Terreal¹¹, despojando o nauta do finito, o desnecessário, para atingir o eterno, o essencial; i.e., a reintegração do homem no plano divino, cósmico.

Até aqui, abordamos a relação entre as virtudes do povo celta e o sentido último dos portugueses. Resta proferir algumas palavras acerca da influência dos seus defeitos. O estreme individualismo dos celtas, a sua falta de constância e a sua tendência para a anarquia, quando aplicados ao caso português, resultam numa inversão do seu carácter edificante. Ao dinamismo e aventura das descobertas sucede a emigração como acto frustrado de realizar colectivamente o homem integral. Não a aventura construtiva, mas a dispersão. Dalila afirma:

A emigração sendo para os povos celtas e para nós e eles pertencendo, a forma que doravante toma, ou de que se reveste, impotentemente, a procura primeira do paraíso. Ou a forma duma vitória ou esperança para um povo vencido. Ou ainda, tão-somente, a expressão de uma inquietação de sua alma como força incontida de vagabundagem à face da terra (*Ibidem*, p. 265).

O emigrante, alma inquieta não orientada ou vencida, é, em si, um movimento frustrado de realizar ecumenicamente a reintegração no plano divino; i.e, de reencontrar o Paraíso terreal.

Terminamos esta comunicação, longe de a termos completamente esgotado, procurando, então, responder em breves palavras como contribui, para Dalila, o elemento etnográfico celta para o pensamento situado português. Em primeiro lugar, constatamos que entender o pensamento português passa, em Dalila, as suas raízes, os ascendentes tópicos, nomeadamente os valores actantes que subjazem a “alma portuguesa”. Esses valores permitirão não só conhecer as tendências, mas orientar a acção futura dos portugueses. Em segundo lugar, essas raízes compreendem os celtas como um povo invasor oriundo do centro da Europa, povo sonhador, detentor de um sentido de liberdade e independência, qualidades edificantes, mas, também, de um sentido de vaidade, falta de constância e de anarquia, qualidades degradantes. Por último, tal como os celtas, os portugueses empreendem pelo sonho e

¹¹ A nostalgia do paraíso é, para Dalila, um elemento essencial da alma portuguesa. Cf., *ibidem*, pp. 9-14.

imaginação uma aventura em busca do Paraíso terreal, busca que reflecte o sentimento da saudade luso-galaica, de uma reintegração, a qual sob a ascendência de valores virtuosos se cumpre pelas descobertas marítimas como acto edificante; e sob seus defeitos pela emigração, como acto de realização degradado. Um bom resumo pode ser encontrado nas palavras de Dalila com que finalizamos:

Os portugueses viveram e agiram experimentalmente: numa sabedoria telúrica expressando-se na poesia trovadoresca, numa sabedoria cósmica expressando-se pela Descoberta; e sempre pristinamente, numa sabedoria da libertação dos homens dos dois condicionamentos mais poderosos que o prendem ao mundo físico e quotidiano, o tempo e o espaço, pela saudade, como sabedoria existencial e ontológica (*Ibidem*, p. 93).

Referências Bibliográficas

- Pereira da Costa, Dalila L. *Da Serpente à Imaculada*. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1984.
- Pereira da Costa, Dalila L. *Corografia Sagrada*. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1993.
- Pereira da Costa, Dalila L. *Os Instantes nas estações da vida*. n.p.: Universidade Católica Portuguesa, 1999.